

Rubem Braga

SELOS O BRASIL JÂNIO QUADROS ETC.

RECEBO cartas de trinta ou quarenta países — e vou metendo os selos em uma gaveta para contentar a garotada que quase todo dia vem à embaixada pedir selos. E então me lembro de Jânio Quadros. Em um daqueles seu milhares de bilhetinhos — ou *memoranda*, como êle preferia dizer, mais formalmente — Jânio ordenou que a Casa da Moeda cuidasse de fazer selos mais bonitos, pois os selos brasileiros eram terrivelmente feios.

Eram, e são: aquêlê bilhetinho não fêz efeito. Jânio saiu antes da hora, e os honrados burocratas continuam a emitir selos infalivelmente feios. Os mais feios do mundo — é o que comprovo, mirando os selos de outros países, que me chegam de vários continentes. Os nossos são mal concebidos, mal desenhados — e, no fim, mal impressos. Em compensação — como dizia aquêlê funcionário municipal de Piracicaba, amigo do Mário Neme, que tinha oito filhos e ganhava um ordenado ridículo, mas “em compensação” gastava tudo em farmácia — em compensação os nossos carimbos postais são ainda piores que os selos. Os selos são chinfrins — mas a gente vê o que êles representam e lê o que nêles está escrito; enfim, os selos cumprem a sua função primária. O carimbo, não. Serve apenas para inutilizar o sêlo. O resto — o lugar, o dia e a hora em que a carta foi expedida — êle tenta dizer, mas não diz. Talvez a culpa não seja precisamente do carimbo, mas da tinta. Não sei. O carimbo faz um grande borrão circular sôbre o sêlo — e é ilegível.

Sei que o Brasil tem problemas mais graves e mais urgentes — econômicos, sociais, culturais, sanitários e políticos. Êsse pequenino problema filatélico pode

muito bem esperar, não tem direito a prioridade nenhuma. É possível mesmo dizer que o problema é demasiado pequeno para preocupar um Chefe de Estado; é até mesmo possível censurar Jânio Quadros por haver perdido alguns minutos de seu tempo, em Brasília, pensando numa coisinha tão à toa como desenho de selos.

Pois que outros o censurem; eu, não. O sêlo, afinal de contas, é um pequeno cartão de visita de cada país, e um cartão de visita que é mandado para o mundo inteiro. Não digo que um cartão de visita feio e mal impresso chegue a comprometer alguém — mas que dá má impressão, isso dá. Há selos do Senegal ou da Costa Rica que parecem dizer, e dizem mesmo: “Visitem nosso país, vocês aqui verão coisas lindas, festas ou paisagens assim...” O nosso sêlo quase sempre diz: “Não venham aqui; somos um país desorganizado, atrapalhado, feio...”

Sim, Jânio pensava em demasiadas coisas; mexia, aqui e ali, em tudo, principalmente em formigueiros e casas de marimbondo. Parecia uma dessas donas-de-casa chatas e exigentes que fiscalizam diariamente tôda a casa e todo o serviço, gritam com as empregadas, ralam com os meninos, regateiam com o verdureiro, brigam com o marido porque êle deixou cair cinza no tapêto ou esqueceu a geladeira berta — enfim, uma dessas donas-de-casa que pretendem, e às vêzes conseguem, pôr a casa em ordem, limpa, decente, arrumada.

Ora, a tradição do Brasil é outra — é tudo moleza, deixa-isso-para-lá, amanhã-eu-vejo...

O fato é que os selos continuam feios.